

Missão tenta suavizar o impacto da proposta

Nova Iorque — A colisão ocorrida na semana passada entre o Governo brasileiro e bancos internacionais deixou os credores irados, perplexos e mudos e o negociador da dívida, embaixador Jório Dauster, brigando com as palavras para dar um sentido ao que ocorreu e relativizar o estrago.

A visita da missão técnica do comitê, proposta pelo Governo e, segundo Jório, aceita pelos credores, foi a solução de compromisso encontrada depois de quatro horas de pesadas discussões, na noite da sexta-feira, para evitar a impressão de uma ruptura entre o Brasil e os bancos, que politicamente não interessa a nenhum dos dois lados. Mas ninguém, nos meios financeiros, acredita que a ida da missão de economistas do comitê terá qualquer resultado prático ou conseguirá dissipar a clara sensação de que o governo Collor e os bancos ficaram mais perto da confrontação do que do entendimento depois das conversas da

semana passada.

Na verdade, a apresentação aos bancos dos números da economia e da teoria que está por trás da proposta brasileira já aconteceu. Ela foi feita na manhã da quinta-feira pelo secretário de Política Econômica, Antonio Kandir, numa detalhada exposição de mais de duas horas, ilustrada com a ajuda de dois retroprojetores. O problema é que os bancos chegaram a conclusões opostas às do Governo sobre o que os números dizem da capacidade de pagamento do País nos próximos anos. Eles olham para o saldo comercial e afirmam que o Brasil pode mas não quer pagar.

Por isso, responderam que a oferta brasileira é inaceitável, não serve como base para uma negociação e insistiram que qualquer conversa séria só começará quando o País estiver disposto a tratar, com dinheiro, do pagamento de juros em atraso. Para deixar sua posição clara, os credores não apresentaram uma contraproposta.